Proficiência em português de estudantes guineenses na FLUP: resultados preliminares de um estudo exploratório[14]

Portuguese proficiency of Guinean students at FLUP:
preliminary results of an exploratory study

DOI: https://doi.org/10.21747/30517036/seb3a5

Ronaldo Mendes
Universidade do Porto
CLUP/ Wikimedia Portugal
up201809885@edu.letras.up.pt
https://orcid.org/0009-0008-7252-1311

Recebido: 01/03/2026
Aceite: 18/03/2026

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise exploratória do desempenho escrito em português de sete estudantes guineenses de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O estudo baseia-se em produções textuais curtas recolhidas através de um inquérito sociolinguístico, articuladas com dados de autoavaliação linguística e de percurso escolar. A análise qualitativa incidiu sobre correção linguística, complexidade sintática e adequação ao registo académico. Identificam-se padrões diferenciados de desempenho, organizados ao longo de um continuum descritivo e evidenciando heterogeneidade nos percursos de contacto com o português como L2. Dada a dimensão da amostra e a natureza não padronizada da tarefa, os resultados têm caráter indicativo de padrões e não permitem generalizações. Os dados sugerem possíveis associações entre exposição prévia ao português europeu e maior estabilidade textual, hipótese a aprofundar-se em estudos futuros. Assim, o estudo contribui para a reflexão sobre práticas de apoio linguístico institucional no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: escrita em L2; português europeu; estudantes guineenses; ensino superior.

RUZUMU: Es tarbadju i ruzultadu di analizi di testus di seti studantis guinensis di lisensiatura na Fakuldadi di Letra di Universidadi di Portu. I fasidu ku bazi na

[14] Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto referência 2025.05658.BDANA.

testus pikininus ku es studantis skirvi na un inkeritu sosiolinguistiku, nunde ke avalia se kabesa sobri se dominiu di purtuguis. I un analizi kualitativu sobri kureson linguistika, kompleksidadi sintatika, ku adekuason di testu a tipus di testu akademiku. Ku bazi nes analizi, no identifika diferensas na se manera di skirvi, ku pudi organizadu na un *continuum* i ku ta mostra diferensas di se kontaktu ku purtuguis suma se sugundu lingua (L2). Suma i fasidu ku bazi na un amostra pikininu, i pabia tarefa di skrita ka sigui un padron fiksu, i ka pusivel fasi jenaralizasons a partir des ruzultadus, ma e ta da indikasons sobri alguns difikuldadis ku es studantis tene na skrita di purtuguis. E ruzultadus ta mostra tambi kuma, provavelmenti, alunus ku tene maior kontaktu ku purtuguis eropeu antis, a partir di skola pur izemplu, e tene mais stabilidadi na skrita nes lingua. Ma i pirsis konfirma es ipotisi na tarbadjus futurus. Des manera, es tarbadju pudi djudanu refleti sobri apoius linguistikus ku instituisons di insinu superior ta presta pa se alunus.

PALVRAS-CHAVI: skrita na L2; purtuguis eropeu; studantis guinensis; insinu superior.

Introdução

A presença de estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) nas instituições de ensino superior portuguesas tem vindo a aumentar nas últimas décadas. Apesar desta tendência, permanecem limitados os estudos empíricos centrados em dimensões específicas da experiência académica desses estudantes, nomeadamente no domínio da escrita em português como língua não materna em contextos institucionais concretos (Doutor & Ambrósio, 2016; Pinto & Matias, 2018; Matias, 2021; Carvalho, Santos, Jabula, Barreto & Silva, 2023).

No caso da Universidade do Porto (UP), a investigação existente tem privilegiado questões de adaptação e integração académica em termos gerais (Cruz, 2025), sendo escassos ou mesmo inexistentes trabalhos que analisem produções escritas de estudantes provenientes da Guiné-Bissau. Considerando a centralidade da escrita académica no sucesso universitário, torna-se pertinente examinar como estes estudantes mobilizam recursos linguísticos em tarefas de produção textual.

O presente artigo tem como objetivo analisar qualitativamente o desempenho escrito em português de estudantes guineenses na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A análise incide sobre produções textuais curtas, recolhidas no âmbito de um inquérito sociolinguístico, tendo em conta aspetos de correção linguística, organização sintática, coesão textual e

adequação ao registo académico. Pretende-se identificar padrões de desempenho observados na tarefa proposta e explorar possíveis associações com percursos linguísticos e experiências académicas dos referidos estudantes.

O estudo baseia-se num *corpus* de textos produzidos por sete estudantes guineenses do primeiro ciclo da FLUP, devendo os resultados ser entendidos como exploratórios e contextualmente situados. Ao descrever perfis diferenciados de desempenho escrito em português como L2, o trabalho procura contribuir para a reflexão sobre práticas de apoio linguístico no ensino superior.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se um enquadramento sintético do contexto sociolinguístico destes estudantes e da literatura relevante sobre o tema na secção um; de seguida, na segunda secção, descreve-se a metodologia adotada; apresentam-se e discutem-se os resultados na secção três e, por fim, formulam-se as considerações finais e implicações para uma investigação futura.

Enquadramento teórico e Contextual

Ensino do português na Guiné-Bissau e perfis linguísticos

A Guiné-Bissau carateriza-se por um contexto sociolinguístico marcadamente multilingue, com mais de duas dezenas de línguas em uso. Entre as línguas étnicas com maior número de falantes, destacam-se o balanta, o fula, o mandinga e o manjaco (Instituto Nacional de Estatística, 2009), sendo o crioulo guineense (língua guineense, LG) falada por cerca de 90,4% da população (INE, 2009). O português, apesar de língua oficial, é falado por uma percentagem significativamente inferior da população (27,1%, segundo os Censos de 2009), sendo utilizado sobretudo em contextos formais, administrativos e escolares.

As línguas étnicas e a LG têm uso predominantemente oral, não dispondo de padronização ortográfica institucionalizada. Embora existam descrições linguísticas e propostas de grafia para o crioulo guineense (Rougé, 1986, 1995; Kihm, 1994; Scantamburlo, 1999, 2013; Chapouto, 2014; Mendes, 2023), estas não se encontram amplamente estabilizadas no sistema educativo. O português mantém, assim, o estatuto de única língua oficial e de ensino, reforçado pelo Decreto-Lei n.º 7/2007 (como citado em Djata, 2022), que declara a obrigatoriedade do seu uso na administração e no ensino.

A variedade ensinada corresponde, em termos formais, ao português europeu (Mendes, 2023), embora o uso real se situe frequentemente num continuum entre o português e o crioulo, descrito por Couto e Embalo (2010, pp. 34-35) como "português acrioulado". A exposição simultânea e não estruturada a diferentes variedades, europeia e brasileira, e a prática frequente do crioulo

como língua facilitadora em sala de aula (Djata, 2022) contribuem para uma aprendizagem fragmentada do português enquanto L2 (Baldé, 2013).

Estudos como o de Djata (2022) evidenciam que estudantes guineenses apresentam conhecimento lexical superior em crioulo relativamente ao português, o que confirma o estatuto do crioulo como língua de socialização predominante. Neste quadro, a escrita em português tende a desenvolver-se de forma assimétrica, com implicações na ortografia, na morfossintaxe e na adequação ao registo académico. É neste contexto sociolinguístico que se inscrevem os percursos dos estudantes analisados no presente estudo.

Estudantes dos PALOP no ensino superior português

O número de estudantes provenientes dos PALOP no ensino superior português tem aumentado, impulsionado por instrumentos legais como o Regime Especial e o Estatuto do Estudante Internacional (Carvalho et al., 2023), bem como por políticas de internacionalização e cooperação académica (Lourenço et al., 2020; Pinto, 2021).

Embora o português constitua fator de atração, diferenças entre variedades e percursos linguísticos distintos podem gerar dificuldades de adaptação. Carvalho et al. (2023) assinalam que o domínio insuficiente do português europeu pode constituir obstáculo à integração académica. No contexto da Universidade do Porto, Cruz (2025) identifica dificuldades linguísticas associadas à compreensão de textos académicos, à produção escrita e à participação em aula, particularmente entre estudantes cuja língua materna não é o português.

Dados institucionais indicam crescimento da presença de estudantes guineenses na Universidade do Porto nos últimos cinco anos. No ano letivo de 2020/2021 registavam-se 228 estudantes provenientes da Guiné-Bissau, dos quais 137 inscritos no primeiro ciclo (Carvalho et al., 2023, p. 30) e, no ano letivo de 2024/2025, o número total aumentou para 318 estudantes, sendo 145 inscritos na FLUP e 227 matriculados no primeiro ciclo (Universidade do Porto, 2025, p. 47). Esses estudantes apresentam várias dificuldades que condicionam a sua integração académica e social, nomeadamente de natureza linguística, cultural e institucional (Cruz, 2025; Carvalho et al., 2023; Doutor & Alves, 2019). Apesar disso, e embora existam serviços gerais de apoio a estudantes internacionais, a literatura aponta para insuficiência de programas específicos de apoio linguístico orientados para falantes de português como L2 (Cruz, 2025; Carvalho et al., 2023).

Neste contexto, a dimensão linguística surge como variável relevante na experiência académica desses estudantes, justificando a análise de desempenho escrito em contexto universitário específico.

Escrita académica em L2 e desenvolvimento textual

A escrita académica constitui prática linguística complexa, exigindo organização sintática, progressão temática e controlo metalinguístico (Gonçalves, 2007; Lopes & Castro Pinto, 2022; Siopa, 2015). Mesmo em contextos de L1, estudantes universitários evidenciam dificuldades estruturais; tais dificuldades tendem a intensificar-se quando a língua de escolarização é L2 (Duarte, 2010, como citado em Siopa, 2015).

A qualidade e quantidade de *input* formal (Siopa, 2015), bem como diferenças retóricas e culturais (Lopes & Castro Pinto, 2022), influenciam o desenvolvimento da escrita. Gonçalves (2007) sublinha o papel do ensino explícito e do *feedback* metalinguístico na aquisição de L2, sendo as taxonomias de erros instrumento útil para identificar áreas críticas.

Estudos com estudantes universitários moçambicanos (Gonçalves, 2007; Siopa, 2015), falantes do português L2, indicam recorrência de dificuldades na ortografia, concordância e sintaxe pronominal. A ausência de transferência consolidada de competências de literacia da L1 para a L2, em particular quando a L1 é predominantemente oral (Goodman et al., 1979 e Koda, 2010, como citado em Lopes & Castro Pinto, 2022), pode acentuar essas dificuldades.

No caso guineense, a combinação de multilinguismo, o ensino do português como se fosse língua materna e fragilidades estruturais do sistema educativo (Baldé, 2013; Djata, 2022; Mendes & Silva, 2024) configura um cenário em que o desenvolvimento da escrita académica em português ocorre de forma desigual. A análise qualitativa de produções escritas permite, assim, observar como esses percursos se refletem em desempenhos textuais situados no ensino superior.

Metodologia

O presente estudo assume natureza qualitativa e exploratória, centrando-se na análise de desempenhos escritos em português produzidos por estudantes guineenses de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A análise incide sobre produções textuais curtas e articula-se com dados sociolinguísticos e de autoavaliação recolhidos por inquérito.

Os dados foram recolhidos entre 2 e 5 de janeiro de 2026, através de um formulário *online* (*Google Forms*) divulgado via WhatsApp no grupo da Associação de Estudantes da Guiné-Bissau no Porto (AEGB-P). Após manifestação de interesse, foram estabelecidos contactos individuais para esclarecimento dos objetivos do estudo, natureza voluntária da participação e garantia de confidencialidade, tendo sido obtido consentimento informado.

O inquérito incluía questões de caracterização sociolinguística e de autoavaliação da competência linguística (compreensão e produção oral e escrita), numa escala de 1 a 5. No final, solicitou-se a redação de um texto com extensão indicativa entre 100 e 200 palavras, subordinado ao tema "A minha vida na Faculdade de Letras". Embora nem todos os participantes tenham cumprido o limite mínimo sugerido, os textos recolhidos foram considerados adequados para análise qualitativa exploratória. Informações adicionais sobre percursos linguísticos foram obtidas através de contactos telefónicos complementares.

Relativamente aos participantes, responderam ao inquérito oito estudantes e excluiu-se uma resposta por corresponder a estudante de 2.º ciclo, resultando numa amostra final de sete participantes (quatro mulheres e três homens), com idades entre 22 e 29 anos. Todos frequentavam o 1.º ciclo na FLUP e haviam realizado o ensino secundário na Guiné-Bissau, critérios definidos para inclusão no estudo.

Nenhum participante tinha o português como língua materna. A maioria indicou como L1 uma língua étnica (fula, balanta, mandinga) ou o crioulo guineense, sendo o português adquirido sobretudo em contexto escolar. Em contexto familiar, prevalecem o crioulo e/ou línguas étnicas, com uso residual do português.

A Tabela 1 apresenta a caraterização sociolinguística dos participantes.

Tabela 1:

Participantes de estudo

Estudante	Idade	L1	LF	SE (10º - 12º ano)	Língua-Percurso anterior	Chegada ao Porto	Curso/ano
A	24	fula	cr., fula, português	público	português	4.12.25	LA, 1º ano
B	26	balanta	crioulo	público	cr./português	15.9.23	CL, 2º ano
C	25	fula	crioulo	público	português	27.1.19	LRI, 3º ano
D	26	fula	fula, cr.	privado	cr./português	6.10.23	LA, 2º ano
E	29	crioulo	crioulo	privado	português	29.8.25	Hist., 1º ano
F	22	mandinga	crioulo	privado	português	6.9.25	LLC, 1º ano
G	26	fula	fula	privado	português	9.1.25	LRI, 1º ano

Legenda**:** LF - Língua(s) falada(s) em contexto familiar; SE - Sistema de ensino; cr. Crioulo; LA - Línguas Aplicadas; CL - Ciências da Linguagem; LRI - Línguas e Relações Internacionais; Hist. - História. * = às vezes.

A análise dos textos seguiu uma abordagem qualitativa orientada por categorias dedutivas fundamentadas na literatura sobre escrita em L2 (Gonçalves, 2007; Siopa, 2015). Foram consideradas quatro dimensões analíticas: a) correção linguística – concordância nominal e verbal, flexão verbal, regência, colocação pronominal e outros aspetos morfossintáticos; b) complexidade textual – variedade lexical, estrutura argumentativa e uso de subordinação; c) coesão e coerência – uso de conectores, progressão temática e organização global do texto; e d) adequação ao registo académico – controlo do registo, clareza expositiva e distanciamento relativamente à oralidade.

Estas categorias foram utilizadas como grelha descritiva para identificar padrões recorrentes de desempenho na tarefa proposta. Não se recorreu, no entanto, a instrumentos padronizados de avaliação nem a escalas validadas de proficiência, pelo que a análise não pretende medir competência linguística global, mas descrever realizações textuais situadas.

Realce-se que, dada a dimensão reduzida da amostra e a natureza não probabilística da seleção, os resultados não permitem generalizações estatísticas, devendo ser interpretados de forma contextualizada.

Procede-se a seguir à apresentação dos resultados, organizados em duas vertentes complementares: (i) síntese das autoavaliações linguísticas e das perceções de dificuldades académicas; e (ii) análise qualitativa das produções textuais, centrada na identificação de padrões de desempenho observados.

Resultados e Discussão

Autoavaliação linguística e perceções de dificuldades

Como ponto de partida, os participantes autoavaliaram a sua competência em português (compreensão e produção oral e escrita) numa escala de 1 (muito fraco) a 5 (muito bom).

De forma geral, observa-se concentração das respostas nos níveis mais elevados (4–5), enquanto dois participantes se situaram no nível 1 em todas as dimensões. As autoavaliações de competência oral e escrita apresentam padrões globalmente coincidentes, não se verificando distinções marcadas entre modalidades.

Tabela 2

Autoavaliação de proficiência linguística em português L2 (1-5)

Estudante	Compreensão Oral	Expressão Oral	Compreensão Escrita	Expressão Escrita
A	5	1	5	5
B	5	5	5	5
C	5	5	4	5
D	4	4	4	4
E	1	1	1	1
F	5	5	4	4
G	1	1	1	1

A leitura cruzada com os dados sociolinguísticos indica que os estudantes que se autoavaliaram nos níveis mais elevados residem em Portugal há mais tempo e frequentam anos curriculares mais avançados[15], o que sugere uma maior exposição ao português europeu. Dada a dimensão da amostra, esta observação deve ser entendida como tendência descritiva e não como relação confirmada.

À questão sobre dificuldades académicas associadas ao domínio do português, a maioria dos estudantes com autoavaliações elevadas respondeu negativamente, embora alguns refiram constrangimentos pontuais. Entre as dificuldades mencionadas destacam-se a realização de trabalhos escritos, a participação oral em aula e a interação com colegas, em consonância com o descrito na literatura (Carvalho et al., 2023; Cruz, 2025). A leitura e a prática de escrita foram referidas como estratégias de superação (Siopa, 2022).

O excerto seguinte ilustra a perceção de dificuldades na elaboração de textos académicos:

Em princípio, procurei aprender as regras de como fazer os trabalhos escritos sem ser acusado de plágio, e depois comecei a treinar e aprimorar ao fazer os trabalhos escritos. Apesar de ter feito tudo isso, não quer dizer que não tenho dificuldades. Portanto, o que mais me dificulta nos trabalhos escritos tem a ver com desenvolver um determinado tema de forma detalhada e rica. [sic] (Estudante D)

Quanto ao apoio institucional, os participantes referem ausência ou insuficiência de acompanhamento linguístico estruturado, sendo os apoios

[15] A estudante C, por exemplo, frequentou durante três anos o ensino profissional português e, neste ano letivo, frequenta o terceiro ano de licenciatura.

existentes predominantemente informais, prestados por colegas ou associações estudantis.

Estes dados autoavaliativos constituem enquadramento interpretativo para a análise das produções textuais apresentadas na subsecção seguinte.

Análise das produções escritas

Aos sete participantes foi solicitada a redação de um texto com extensão indicativa entre 100 e 200 palavras, subordinado ao tema "A minha vida na Faculdade de Letras". Segue-se a análise qualitativa de exemplos representativos, organizada segundo as categorias definidas na metodologia.

De forma geral, os textos evidenciam graus diferenciados de estabilidade ortográfica, controlo morfossintático, organização frásica e adequação ao registo académico.

O texto do estudante A revela uma organização global consistente e um controlo ortográfico estável, embora apresente desvios pontuais na colocação pronominal e formulações próximas de modelos escolares estereotipados:

(1) *A vida na faculdade é um capítulo importante na jornada acadêmica e pessoal de qualquer estudante.*

(2) *É com muito prazer ter partilhado com vocês.*

(3) *…a faculdade* ***me oferece*** *a oportunidade…* [PE: a faculdade oferece-me] [estudante A]

No texto B observam-se dificuldades ao nível morfossintático e lexical, nomeadamente na seleção de preposições e na regência verbal (4), bem como na concordância (5), coexistindo com progressão temática relativamente clara.

(4) *A minha vida na faculdade de letras… é marcada* ***de*** *desafios e experiências.* [PE: marcada por…]

(5) *Integrei* ***no*** *Grupo de Estudos Linguística* [PE: integrei-me no Grupo de Estudos de Linguística]

A produção da estudante C apresenta uma organização temática coesa e estruturas sintáticas relativamente complexas, ainda que com marcas de oralidade.

(6) Conciliar o trabalho com os estudos é um dos maiores desafios do meu dia a dia. Muitas vezes saio de casa muito cedo e regresso tarde, com pouco tempo para descansar. A carga de leitura, os trabalhos académicos e os prazos apertados exigem de mim uma grande capacidade de organização…

Nos textos D e F identificam-se instabilidades sobretudo na regência verbal, na segmentação frásica e na colocação pronominal, com períodos extensos e pontuação irregular.

(7) *Em princípio, não reconhecia a mim mesmo… [*PE*: não me reconhecia]*

(8) *… o que me dificultava e continuo ter dificuldades é a unidade curricular Inglês*

(9) *Quando digo 'dificuldades' [...] esse método de avaliação infernizou a minha vida*

Estudante D

(10) *A minha vida na faculdade de letras tem sido um pouco desafiante já que o meu nível de inglês é básico não consigo acompanhar algumas aulas tenho tentado me enturmar mas não consigo*

(11) *tenho tentado me enturmar [*PE: *enturmar-me]*

Estudante F

Já os textos E e G evidenciam um maior número de desvios ortográficos, instabilidade na flexão verbal e forte aproximação ao registo oral, bem como domínio limitado da pontuação.

(10) *eu chegei lá nao tenho nenho colegas africanos*

(11) *eu tem certeza que tudu fai dar certo*

(12) *porque na nossa pais Guiné Bissau não gosto de falar português todos dias ou horas*

Estudante E

(15) *A minha vida na faculdade de línguas em relações internacionais,no meu entender eu estou estudando,mas estou com dificuldades de forma de aprender, porque na forma aprendizagem é muito diferente de guine Bissau e aqui em Portugal*

(16) *eu alcançará os meus objetivos*

Estudante G

Com base na análise qualitativa dos sete textos, identificam-se três padrões descritivos de desempenho textual, organizados ao longo do seguinte continuum:

I. **Desempenho emergente**: desvios ortográficos frequentes, instabilidade morfossintática, segmentação frásica limitada e forte oralidade (ex.: textos E e G);

II. **Desempenho em desenvolvimento**: ortografia globalmente estável, mas com irregularidades na regência e na pontuação, coexistindo com organização temática funcional (ex.: textos D e F);
III. **Desempenho funcional**: maior estabilidade morfossintática, estrutura textual clara e aproximação ao registo académico, ainda com marcas residuais de oralidade (ex.: textos A, B e C).

Esta tipologia tem caráter exclusivamente exploratório e visa sistematizar diferenças observadas no *corpus*, não constituindo escala validada de proficiência.

Os dados analisados permitem-nos chegar a algumas conclusões preliminares. A observação da heterogeneidade nos desempenhos é compatível com trajetórias diferenciadas de exposição ao português. Isto é, os participantes com maior tempo de residência em Portugal e percurso escolar com maior contacto formal com o português europeu apresentam, tendencialmente, maior estabilidade textual. A estudante A, por exemplo, apesar de se encontrar no primeiro ano de licenciatura, frequentou entre o jardim de infância e o 9.º ano a Escola Portuguesa da Guiné-Bissau, que segue o currículo português, transitando apenas no ensino secundário para a escola pública. Trata-se de um caso que evidencia como o ensino formal e a exposição consistente à língua podem desempenhar papel determinante na aprendizagem do português L2.

Note-se também que os padrões identificados são consistentes com estudos sobre escrita em L2 realizados em contextos africanos lusófonos (Gonçalves, 2007; Siopa, 2015), que assinalam recorrência de dificuldades na ortografia, concordância e sintaxe pronominal.

Como referem Flower e Hayes (1981, como citado em Lopes & Castro Pinto, 2022), a escrita implica organização conceptual e controlo linguístico simultâneos, exigência particularmente complexa em L2. Neste quadro, os dados analisados sugerem que diferenças no percurso de escolarização e no contacto formal com a língua podem refletir-se em desempenhos textuais distintos.

Embora exploratórios, os resultados apontam para a pertinência de apoio linguístico estruturado no ensino superior, nomeadamente no domínio da escrita académica em português como L2, em linha com recomendações presentes na literatura (Carvalho et al., 2023; Cruz, 2025). A identificação de padrões diferenciados de desempenho reforça a necessidade de respostas institucionais ajustadas à diversidade linguística do corpo discente.

Considerações finais

O presente estudo analisou qualitativamente produções escritas de sete estudantes guineenses de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o objetivo de descrever padrões de desempenho textual em português como L2. A análise evidenciou heterogeneidade nos textos produzidos, permitindo identificar diferentes graus de estabilidade ortográfica, controlo morfossintático, organização frásica e adequação ao registo académico. Os padrões observados distribuem-se ao longo de um continuum descritivo, que vai de realizações marcadamente próximas da oralidade a textos com maior aproximação ao registo académico. Esta diversidade é compatível com trajetórias diferenciadas de exposição ao português, quer no percurso escolar prévio, quer no tempo de residência em Portugal. Dada a dimensão da amostra e a natureza não padronizada da tarefa, tais observações devem ser entendidas como indicativas.

O estudo confirma a complexidade do desenvolvimento da escrita académica em L2, já assinalada na literatura (Gonçalves, 2007; Siopa, 2015) e sugere que as diferenças nos percursos linguísticos podem refletir-se em desempenhos textuais distintos no ensino superior. Investigações futuras, com amostras mais amplas e tarefas de escrita controladas, poderão aprofundar esta análise e testar de forma mais sistemática as tendências aqui identificadas.

Do ponto de vista institucional, os dados reforçam a pertinência de estratégias de apoio à escrita académica em português como L2, dirigidas a estudantes provenientes de contextos multilingues. A implementação de programas estruturados de acompanhamento linguístico poderá contribuir para reduzir constrangimentos associados à produção escrita e favorecer uma integração académica mais equilibrada (Carvalho et al., 2023; Cruz, 2025). Nesse sentido, a atenção à dimensão linguística constitui elemento relevante na promoção de maior equidade no ensino superior

Referências

Baldé, B. (2013). *Formação de professores de língua portuguesa na Escola Normal Superior "Tchico Té"* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa].

Carvalho, C., Santos, F., Jabula, I., A. Barreto, M., & Silva, R. da (2023). *Perfil do estudante dos PALOP nas instituições do ensino superior em Portugal: caracterização, expetativas, constrangimentos (2015-2021)*. CEI-Iscte / Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto / IP-Leiria. https://cei.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2024/01/relatorioestudo_pepip_final.pdf

Chapouto, S. M. (2014). *Fonologia do guineense*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra].

Couto, H. H. do, & Embaló, F. (2010). Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país da CPLP. *Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, *20*.

Cruz, A. (2025). *(In)visibilidade dos estudantes internacionais dos PALOP no ensino superior português: Um estudo de caso sobre as dificuldades de adaptação e de integração académica na Universidade do Porto*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto].

Doutor, C., Marques, J. F., & Ambrósio, S. (2016). Transição para Portugal: O caso dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no Ensino Superior. ResearchGate.

Doutor, C., & Alves, N. (2019). Transição para o ensino superior dos estudantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa: aprendizagens e desafios académicos. *Investigar em Educação (2.ª série), 9/10, 213-228*.

Gonçalves, P. (2007). Pesquisa linguística e ensino do Português L2: Potencialidades das taxonomias de erros. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* - Vol. 2 - 2007, *61-76.*

Instituto Nacional de Estatística, INE (2009). Recenseamento Geral da População e Habitação: Características Socioculturais.

Kihm, A. (1994). *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins Publ.

Lopes, Â. F., & Castro Pinto, M. da G. L. (2022). Medir a qualidade da escrita em Português L2: a densidade de ideias. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto (N.º Especial*), *1, 197-218.*

Lourenço, M., Pinto, S., & Silva-Lopes, B. (2020). Internationalisation of Portuguese Higher Education: challenges and opportunities. *Revista Lusófona de Educação, 47, 45-51*.

Mendes, R. (2023). *Variação interna em kriol (crioulo da Guiné--Bissau):fonologia e aspetos sociolinguísticos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].

Mendes, R., & Silva, C. (2024). Prestígio social das línguas da Guiné-Bissau avaliado pelos seus falantes. *Cadernos IS-UP*, *5, 38–47.*

Pinto, P. F., & Matias, A. R. (2018). Trovoada de ideias: Português académico para estudantes dos PALOP. In V. B. Furtoso (Ed.), *Anais do Simpósio Internacional SIPL*, *362–370*.

Rougé, J. L. (1986). Uma hipótese sobre a formação dos crioulos da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses, nº 2, 28-49.*

Rougé, J. L. (1995). A propósito da formação dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses, nº20, 80-97.*

Scantamburlo, L. (1999). *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais* (vol. 1). Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI.

Scantamburlo, L. (2013). *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense.* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa].

Siopa, C. (2015). Competências de escrita no ensino superior e o tratamento dos erros em português L2. In M. Bastos, J. Marques, A. Monteiro, C. Siopa (Eds.), *Ensinar a língua portuguesa em Moçambique: Textos seleccionados das VII Jornadas da Língua Portuguesa.* Porto: Porto Editora.

Universidade do Porto. (2025). *Inscritos em ciclos de estudos: Ano letivo 2024/2025 (V01)*. Universidade do Porto.